

Ancoragem retórica e argumentativa em polêmicas públicas

Rhetorical and argumentative foundations in public debates

RUBENS DAMASCENO-MORAIS

Rubens Damasceno-Morais

Universidade Federal de Goiás, Brasil

damasceno.morais@ufg.br

<https://orcid.org/0000-0001-6245-6394>

Fecha recepción: 16/01/2026

Fecha aceptación: 25/03/2026

Financiación: este trabajo no ha recibido financiación.

Conflicto de intereses: el autor declara que no hay conflicto de intereses.



Licencia: este trabajo se comparte bajo la licencia de Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0 Internacional de Creative Commons (CC BY-NC-SA 4.0): <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

© 2026 Rubens Damasceno-Morais

Resumo:

Este artigo discute o papel da ancoragem retórica e argumentativa em polêmicas públicas, a partir da perspectiva do Modelo Dialogal da Argumentação (MDA), com o objetivo de compreender como elementos linguísticos, semióticos, interacionais e retóricos — ainda que não configurados como argumentos formais, desdobráveis em premissas e conclusão — contribuem para orientar, reforçar e estabilizar pontos de vista em debates polarizados. Metodologicamente, parte-se da noção de ancoragem, entendida como o modo pelo qual dispositivos textuais e discursivos estimulam, reforçam, dão estabilidade, orientam e/ou delineiam uma tomada de posição, para analisar qualitativamente dois excertos de polêmicas públicas: um discurso parlamentar contrário à descriminalização do aborto, proferido em 2023, e uma interação do podcast *Flow* sobre a legitimidade de partidos nazistas no Brasil, realizada em 2022. Os resultados mostram que, em ambos os casos, as âncoras atuam como reforçadores de pontos de vista em conflito: no primeiro excerto, por meio de adjetivações e locuções (des)valorativas que constroem uma oposição entre valores positivos e negativos; no segundo, por meio de interrogações sucessivas e incisivas que buscam desestabilizar a oponente e fortalecer a posição dos demais debatedores. Conclui-se que a ancoragem discursiva, embora discreta e muitas vezes periférica, desempenha papel não negligenciável na construção de sentidos, no delineamento das posições e na dinâmica da polêmica pública, contribuindo para compreender a mecânica argumentativa e retórica dos discursos em contextos de deflagrado dissenso.

Palavras-chave: ancoragem; argumentação; discurso; dissenso; Modelo Dialogal da Argumentação; polêmica pública; pontos de vista; retórica.

Citación: Damasceno-Morais, Rubens (2026): «Ancoragem retórica e argumentativa em polêmicas públicas». *Hexis. Revista Iberoamericana de Retórica*, 3: 197-214. <https://doi.org/10.14198/hexis.32108>



Abstract:

This article examines the role of rhetorical and argumentative anchoring in public controversies through the lens of the Dialogical Model of Argumentation (DMA). Its main aim is to understand how linguistic, semiotic, interactional, and rhetorical elements, although not structured as formal arguments that can be unfolded into premises and conclusion, contribute to orienting, reinforcing, and stabilizing standpoints in polarized debates. Methodologically, the study draws on the notion of anchoring, understood as the way textual and discursive devices stimulate, reinforce, stabilize, orient, and/or outline a standpoint, and applies it to a qualitative analysis of two excerpts from public controversies: a parliamentary speech opposing the decriminalization of abortion, delivered in 2023, and an interaction from the *Flow* podcast concerning the legitimacy of Nazi political parties in Brazil, broadcast in 2022. The results show that, in both cases, anchoring devices operate as reinforcers of conflicting standpoints: in the first excerpt, through (de)valuative adjectives and adjectival expressions that construct an opposition between positive and negative values; in the second, through successive and incisive interrogations intended to unsettle the opponent and strengthen the position of the other discussants. The article concludes that discursive anchoring, although subtle and often peripheral, plays a significant role in meaning construction, in shaping positions, and in the dynamics of public controversy, thereby contributing to a deeper understanding of rhetorical and argumentative mechanisms in contexts of pronounced dissent.

Keywords: anchoring; argumentation; discourse; dissent; Dialogical Model of Argumentation; public controversy; standpoints; rhetoric.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A reconfiguração do modo de vida social tal qual temos hoje, com a inteligência artificial e a avalanche de redes sociais no meio de todo esse turbilhão, tornou-se um prato cheio para a descrição e tentativa de compreensão das várias formas de estases/conflitos de pontos de vista (Plantin, 2025: 252) que, a partir de valores conflitantes (e para além de pontos de vista antagônicos) curto-circuitam nossas relações, profissionais, pessoais e afins. De conflito em conflito, o debate público torna-se minado, contaminado, explosivo, regado a bolhas e polarizações de diversos tipos, formatos, sejam eles complotistas ou fadados à «obsolescência do convincente» (Angenot, 2015: 92). Tudo isso regado a polêmicas públicas de mil faces, como alerta também Ruth Amossy (2017), curtidos na web, na *dark web*, pelo tio do zap, pelo porteiro de nosso prédio e, claro, por nós mesmos, que não podemos, isentos de qualquer responsabilidade, apontar o dedo para o grande espelho à nossa frente sem nos depararmos com ecossistemas digitais (Paveau, 2017: 50) que nos seduzem e nos incitam à ação, à agressão, à violência verbal e física, pois o que acontece na web *não* fica somente na web: espraia-se, reverbera e bate à nossa porta, adentra a nossa casa e mata, mata como se tudo fosse um jogo de *Mortal Kombat* ou *Resident Evil* da vida real.

Nesse campo minado, é facilitado e permitido aos usuários realizarem publicações contendo posicionamentos quaisquer, violentos ou não, de forma simples, rápida e de fácil disseminação. O importante é «causar», «lacrar» ou «polemizar» (sobretudo em terra de *influencers* de redes sociais). A polêmica, no rastro da «ascensão do digital é uma transformação do ambiente, que afeta as estruturas e as relações», como ressalta Paveau (2017: 27). Ainda segundo a autora, «devido à dimensão fractal de compartilhamento», uma postagem em um fórum ou rede social, um tuíte, um comentário, será compartilhado com um número muito importante de receptores em pouquíssimo tempo, em velocidade estonteante, recheada de irreflexão e impulsos sórdidos. Toda essa facilidade tem engendrado situações de polêmica e violência disfarçada de opinião, complementada por algoritmos que redesenham uma nova forma do social, crua, pungente, impiedosa em tempos de «*human-centered IA*» (Santaella [org.], 2024: 13).

No turbilhão de polêmicas cozinhadas seja em redes sociais, no púlpito da praça central ou alhures, podemos enxergar, não raro, a constituição discursiva de pontos de vista diversos, mesmo que em um dialogismo interdiscursivo (Emediato & Damasceno-Morais, 2022),¹ o que não deixa de trazer para o ringue pontos de vista antagônicos. Por isso vamos usar como ilustração neste artigo um trecho de podcast do Youtube (2022) e uma fala na tribuna da Câmara dos Deputados (2023), locais onde, certamente, a performance conta mais do que o argumento utilizado (quando há argumento), justamente porque, nesses locais, discussão boa e que gera engajamento é discussão sangrenta, mal-passada, no melhor estilo *bleu*.

Embora se encontrem argumentações sólidas nesses campos, isto é, argumentos «ao ponto para bem», com pontos de vista bem fundamentados, a partir de premissas focadas e que

1. No artigo, os autores diferenciam o *dialogismo interdiscursivo*, isto é, quando *não* há um oponente diante um do outro, face a face; e o *dialogismo interlocutivo*, quando há uma troca evidente, um confronto de pontos de vista (seja face a face, seja por troca de mensagens diretas em redes sociais etc.).

buscam atingir conclusões coerentes e sensatas, a verdade é que estamos bem distantes de um *shangri-lá* argumentativo, isto é, o mundo ideal do «bom argumentar», nesses territórios. No entanto, o mais notável é que geralmente conseguimos identificar, sem grande esforço, nos discursos virulentos, a orientação argumentativa² de um ponto de vista (os valores defendidos, a filiação partidária, os principais aliados), a partir de rastros e/ou lampejos de pontos de vista, por meio dos quais, em vez de argumentos, transparecem elementos semióticos diversos, dispersos numa gama de gestos, entonações, imagens e até gestos obscenos, xingamentos e ameaças que se pretendem argumentos, mas que, em fim de contas, apenas ratificam a bolha a que se pertence, nesses amargos tempos de polarização que nos cinde.

A partir dessas observações iniciais, este texto tentará observar pistas discursivas que, de alguma forma, contribuem para a construção de um ponto de vista, sobretudo em debates polarizados e/ou polêmicos, mas que não constituem argumentos no estrito sentido do termo, desdobráveis em «premissa(s) + conclusão». A tais elementos estamos chamando *âncoras* (argumentativas, retóricas etc.), neste sucinto exercício de análise, e que, como veremos nos dois breves excertos que apresentaremos, ajudam a azeitar o delineamento de pontos de vista, sem se constituírem em cerne de uma argumentação.

2. A ANCORAGEM RETÓRICA, ARGUMENTATIVA

Na perspectiva do Modelo Dialogal da Argumentação (MDA), tal como proposto por Plantin (2005: 63), a argumentação emerge quando um ponto de vista se contrapõe a outro e, a partir disso, desenvolvem-se discursos de justificativa (do Proponente, do Oponente). Nesse sentido, o embate passa a alcançar um novo patamar, para além do mero *díptico argumentativo*, isto é, o simples confronto inicial de pontos de vista, sem defesa de um posicionamento.

Ainda nessa perspectiva, a argumentação só se materializa no bojo da troca, da interação, pois a dissonância de opiniões é o moto-contínuo da interação, dialogal e agonal. Assim, Plantin propõe repensar a argumentação em uma perspectiva que leve em consideração a enunciação em uma interação repleta de *aller-retour*, isto é, a partir de uma costura bate-volta entre atores que exercem papéis argumentativos palpáveis (Proponente ↔ Oponente ↔ Terceiro).

Diferentemente do simulacro lógico, a constituição da argumentação e da retórica «ocupa-se não de verdade abstrata ou categoria hipotética, mas de adesão», como já insistia Perelman (1989: 79). Nesse universo, é importante buscar identificar, nos textos e/ou discursos que nos propomos a analisar, elementos que atuem eventualmente como âncoras, que podem predispor o receptor a interpretar ou aceitar determinado ponto de vista. Uma âncora pode ser uma ideia, crença, valor (etc.) que serve para apoiar, construir ou sustentar um ra-

2. Neste artigo, empregamos «orientação argumentativa» como tudo aquilo que, num discurso, numa interação, dá uma mãozinha, ajuda, contribui para delinear um ponto de vista. Nesse sentido, não pretendemos problematizar essa ideia, já expressa nos clássicos trabalhos de Anscombe e Ducrot (1983: 97) ou mesmo de Amossy, quando essa diferencia «visada» de «dimensão» argumentativa (Amossy, 2018: 40).

ciocínio. Tais apoios (daí a metáfora da «âncora») têm delineamentos e orientações diversas: *linguística* (escolha de determinadas estruturas linguísticas, foco em certas classes gramaticais), *cognitiva* (opção por determinados frames, uso de metáforas, inferência a partir da relação causa/efeito, analogias, comparações etc.), *emocional* (apelo a emoções, busca de empatia, construção da indignação/vergonha/orgulho etc.), *argumentativa* (engendramento discursivo da polarização, estruturação do conflito, tipos de argumentos, foco no *logos*), *retórica* (emprego de falácias, invenção, disposição, elocução; provas retóricas etc.) entre diversas outras manifestações, e que buscamos sintetizar no quadro a seguir:

Quadro 1. *Alguns tipos de ancoragem*

Ancoragem	Manifestação discursiva e/ou textual
Linguística	Escolha de determinadas estruturas linguísticas, ênfase na utilização de classes gramaticais etc.
Cognitiva	Opção por determinados <i>frames</i> , uso de metáforas, inferência a partir da relação causa/efeito, analogias, comparações etc.
Emocional	Apelo a emoções, busca de empatia, construção da indignação, vergonha, orgulho etc.
Retórica	Aspectos relativos principalmente à invenção, disposição e elocução (sistema retórico), valores, provas, emprego de falácias etc.
Argumentativa	Engendramento discursivo da polarização, estruturação do conflito, tipos de argumentos, foco no <i>logos</i> etc.

Fonte: elaboração própria

É importante destacar que o quadro acima não é exaustivo. Merece atualização constante. Certamente podemos ainda falar em outros tipos âncoras, valorativas, factuais (fatos, dados etc.), culturais e outras. Por ora, o mais importante é não negligenciarmos o que ora chamamos de «âncoras» e sua presença discreta nos discursos, sobretudo os polêmicos. Nesse exercício, os elementos (estruturas, vocábulos, tipos de argumentos, apelo a uma emoção etc.) que estamos chamando, *grosso modo*, de âncoras, são, muitas vezes, tímidos, sutis e coadjuvantes. Não obstante, se examinados com o devido cuidado e atenção, têm importante papel na orientação argumentativa³ e na construção do ponto de vista que se busca sustentar. Que fique claro, não estamos aqui falando em «marca argumentativa» ou «marcadores de função argumentativa» (Plantin, 2025: 123), visto que tais balizadores indicam sequências argumentativas e/ou início/meio/fim de uma argumentação.

3. Em seu *Dicionário de argumentação*, Plantin (2025: 412) esclarece: «A teoria das orientações argumentativas foi desenvolvida a partir da ideia de “escala argumentativa” (Ducrot, 1972) até a versão da chamada teoria da “argumentação na língua” (Anscombe e Ducrot, 1983; Ducrot, 1988; Anscombe, 1995a, 1995b)».

A ancoragem diz respeito, na forma como aqui empregamos, a dispositivos esparsos, não uniformes e muitas vezes dispersos em um texto e/ou discurso, mas que contribuem para estimular, reforçar, dar estabilidade, orientar, delinear um ponto de vista. Em outras palavras, uma âncora pode ser uma peça secundária no tabuleiro argumentativo (um simples peão) mas que pode contribuir para pavimentar o intrincado caminho até o precioso xeque-mate. Em outros termos, a ancoragem representa peças esparsas que ajudam na fixação e estruturação de um ponto de vista, sem que estejamos nos referindo, por exemplo, a argumentos explícitos ou algum tipo de sequência didática argumentativa.⁴

No modo como enxergamos, as âncoras que atuam como escoras discursivas e/ou textuais são de fundamental importância para a compreensão da construção de um discurso, ajudando-nos a destrinçar seu verniz retórico e/ou argumentativo. Tais elementos sutis (as âncoras), indiretos e não raro periféricos, porque comedidos, carregam significados relevantes e reveladores que podem se manifestar por meio de escolhas linguísticas, posicionamentos não explicitamente reivindicados, pausas, gestos, entonações, omissões ou enquadramentos discursivos que podem escapar à atenção, visto não tomarem o formato de argumentos clássicos, mas que podem ajudar a calibrar a orientação argumentativa em defesa de um ponto de vista, como temos insistido.

Desta feita, entendemos que a panóplia de âncoras nada mais é do que o conjunto de pequenas peças que contribuem, às vezes de maneira anedótica, na composição dos «elementos semióticos» (embora de naturezas diversas) sobre os quais nos fala Plantin (2005: 65). Aguçarmos nosso olhar de pesquisadores para detectar essas pequenas peças que compõem a camada retórica e argumentativa de um texto e/ou discurso é já uma boa maneira de nos munir para o exercício de analistas. Na perspectiva do MDA, leva-se em conta, na medida do possível, tudo o que envolve a construção dos argumentos (elementos semióticos, por exemplo), sobretudo o que é de ordem da troca entre os participantes em uma interação argumentativa. Assim, a detecção de âncoras, em nossos exercícios de análise, ser-nos-á útil para melhor compreendermos a dinâmica do jogo, a partir do olhar perscrutador para o tabuleiro cujas reentrâncias tentamos descrever e analisar, na forma como exemplificaremos nos dois excertos retirados de contextos polêmicos, como mostramos a seguir.

3. MONÓLOGOS CENTRÍPETOS JUSTAPOSTOS

A polémica, boa parte das vezes, é vista como um espaço de discordâncias violentas, com destilação de ódio verbal contra um Oponente que, muitas vezes, tem zero compromisso com a resolução de um conflito. Isso foi, e continua sendo, um traço definidor da polémica para a maioria das pessoas que a veem meramente como «um discurso de dissentimento não

4. É importante destacar que a ancoragem a que nos referimos neste artigo destoa do vocábulo «ancoragem» (*anchoring*) utilizado por Moscovici (1961), quando o autor se refere sobretudo à integração de uma ideia nova a um conjunto na tentativa de tornar um conceito familiar. Ele ainda usa a ancoragem no sentido de classificar, dar nome a algo, no bojo de representações sociais.

argumentativo e coercitivo, marcado pela violência e pela paixão» (Amossy, 2017: 45). Não obstante, numa tentativa de investigar episódios deliberadamente polêmicos e sua instilação para além dessa visão limitante, a própria autora lança para esse tipo de conflito um olhar mais benevolente, no seu declarado elogio à polêmica.

Consideramos, assim como o faz Amossy, que a polêmica é uma característica intrínseca à democracia, uma vez que esta permite a exposição de pontos de vista dissonantes e uma forma de ampliar um debate de interesse social. No regime democrático, em que o pluralismo de ideias e valores é preponderante, torna-se evidente que diferentes perspectivas se estabeleçam e, por conseguinte, entrem em conflito, numa espécie de colesterol bom do fluxo sanguíneo social (quando o debate não degradingola para mera violência gratuita e/ou violação dos direitos individuais). Essa dinâmica de debate e confronto de ideias é fundamental para o fortalecimento do sistema político. E isso é bem diferente das bolhas de ódio em redes sociais, visto que ali, geralmente, não há debate e, dificilmente, tolerância a ideias antagônicas. Há, em realidade, monólogos centrípetos justapostos ou algo parecido com o que Marc Angenot (2008) chama de «diálogo de surdos».

Para além dessa perspectiva, «muitas argumentações em temas polêmicos, como política ou religião, podem se basear justificadamente em convicções apaixonadas» (Walton, 1989: 114), o que ajuda a azeitar (ou azedar) o caldeirão social, que, atualmente, esbarra no discurso de ódio polarizado, formando uma espécie de *tópica espelhada* (Damasceno-Morais & Seixas, 2025) ou a simplificação e o reducionismo de um debate, por meio da construção de lógicas díspares e conspiratórias, alimentadas por sistemas cognitivos mal engendrados. Esse ambiente polarizado reflete posições antagônicas que não objetivam, de forma alguma, qualquer tipo de acordo, fechando-se dentro de suas esferas de «verdade» absoluta e irrestrita, de forma arrogante e histérica, hiperbolizada, sobretudo pelas facilidades oferecidas pelo discurso digital, alimentado pelas redes sociais, como já dissemos.

Se a polêmica ajuda a alimentar o mar revolto das redes sociais, entre bolhas de ódio, em que o consenso é praticamente impossível, essa é mais uma razão para prestigiarmos temas que, uma vez ventilados nessas redes, podem gerar tsunamis retóricos. Nesse sentido, é necessário, como apregoa ainda Amossy, desenvolvermos uma retórica do dissenso, na qual a polêmica seja examinada de forma menos estigmatizada. Desse modo, ao lançar um olhar para os recortes que selecionamos, não buscamos visualizar a polêmica como um meio de alcançar um acordo entre partes divergentes nas discussões apresentadas, nem como alimento para as bolhas de ódio, centrípetas. Em vez disso, o objetivo proposto é examinar se (e como) as âncoras retóricas e/ou argumentativas (etc.) ajudam a dar força aos posicionamentos dissonantes e, ainda, examinar como se desenvolve o papel argumentativo de Oponente, nos recortes selecionados.

A partir dessas observações, temos que a presença de valores em conflito é frequente e um ponto necessário para a ebulição da polêmica saudável, pública, construída a partir de posicionamentos divergentes. Desse modo, não surpreende que a violência verbal se instaure e, por vezes, torne-se o ponto central que direciona a troca argumentativa nas interações ora selecionadas, regadas por paixões, muitas vezes exacerbadas. A esse respeito, e ainda seguindo Amossy:

Passamos, assim, do modo como funciona a argumentação para o tom e para o estilo adotados em uma interação agonística: como registro discursivo, a violência verbal acompanha a

polêmica, mas não a estrutura. Como o *pathos*, a violência lhe dá mais força, manifestando e intensificando a dicotomização, a polarização e o descrédito que a fundamentam (2017: 138).

Nessa perspectiva, a dissonância por vezes tonitruante de pontos de vista sobre uma questão polêmica é, por si só, contagiante no debate aberto, despertando nos participantes certa euforia na defesa de um ponto de vista. Em algumas situações, entram em cena as paixões, que intensificam essas trocas e as radicalizam, reforçando a dicotomia e a polarização, traços já detectados pela autora no mapeamento que faz em seus estudos sobre a polêmica, da qual, certamente, participam os atores previstos do MDA (Proponente, Oponente, Terceiro) e que exercem papéis argumentativos fundamentais para dar vida à discussão.

Importante destacar que os discursos proferidos, os textos elaborados, muitas vezes apoiam-se em âncoras emocionais, as quais, uma vez insufladas, podem levar à violência verbal, quando da defesa de um ponto de vista. Nem por isso o discurso polêmico perde seu valor como objeto de investigação empírica, permanecendo de grande relevância para os estudos na seara da retórica e da argumentação. Pelo contrário, ele se insere em uma perspectiva que valoriza o dissenso, em que o conflito é um componente fundamental para o funcionamento e manutenção de um espaço democrático, por mais paradoxal que tal assertiva soe.

4. DOIS EXCERTOS, DUAS ÂNCORAS

Nos dois breves excertos que analisaremos, o ator que exerce o papel argumentativo de Proponente é o responsável por apresentar uma proposição a respeito de uma questão e à qual o Oponente se contrapõe, quando do surgimento da estase, a qual faz cindir a unanimidade sobre uma determinada questão argumentativa. O papel do Terceiro nesse dispositivo é duvidar dos argumentos dos dois anteriores (Proponente, Oponente), questionando. Esse papel actancial de mil faces (Damasceno-Morais, 2022) pode, ainda, manifestar-se de forma principal ou coadjuvante, em contextos de conflito de opiniões, podendo também, simplesmente, manter-se neutro.

Importante ressaltar que esses papéis, porém, não são fixos; são voláteis e dinâmicos. A existência do conflito acerbo que colocam em oposição pontos de vista dissonantes são os primeiros passos para que se instaure o embate no bojo de um discurso, no tríptico entre atores e atuantes, sobretudo em situações polêmicas, como vimos.

Nos dois excertos a seguir, identificaremos o que estamos considerando como «âncoras» naqueles discursos. No primeiro, temos um breve excerto de um discurso em tribuna parlamentar, em que o uso de termos com valor adjetivo ajudam a pavimentar o caminho do orador rumo à tese que defende: a proibição do aborto no Brasil. No segundo caso, apresentamos um breve bate-papo, também polêmico, via podcast *Flow*, no qual se debate o «direito» à existência de um partido nazista no Brasil. Ali as âncoras são representadas pela forma como Proponente e Oponente se dirigem à entrevistada, a partir de uma saraivada de perguntas inopinadas.

4.1. Um debate parlamentar acerca da descriminalização do aborto

O breve recorte ora apresentado⁵ insere-se no contexto do debate parlamentar acerca da descriminalização do aborto. Trata-se de uma polêmica pública (dentre tantas) em torno do tema que ora apresentamos para ilustrar de que forma vocábulos com valor adjetivo podem atuar como âncoras de um ponto de vista, no caso o do deputado Maurício Marcon, contrário à descriminalização do aborto no Brasil.

Apesar de estar sob intensa atenção da grande mídia, a questão voltou ao debate público devido a uma ação em tramitação no STF, a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental/ADPF 442. Essa Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental foi proposta em 2017 pelo partido PSOL, com o apoio do Instituto de Bioética – ANIS, e buscava a descriminalização do aborto até a 12ª semana de gestação, mesmo diante da criminalização prevista nos artigos 124 e 126 do Código Penal. Como já destacado, o artigo 124 tipifica como crime a realização do aborto por iniciativa própria ou por terceiros, enquanto o artigo 126 pune quem provoca o aborto com o consentimento da gestante, impondo pena de 1 a 4 anos por cada infração.

A ADPF 442 foi debatida judicialmente pela primeira vez no parlamento brasileiro em agosto de 2018, durante uma audiência pública conduzida pela ministra Rosa Weber. Esse episódio marcou o retorno do tema ao centro do debate cinco anos depois, em 22 de setembro de 2023, pouco antes da aposentadoria da ministra. Na audiência de setembro, Rosa Weber declarou seu voto favorável ao acolhimento da arguição, o que gerou reações intensas em setores da sociedade.

Com o objetivo de examinar como o sentimento de indignação é mobilizado como recurso retórico em contextos controversos, foi escolhido para análise um breve recorte do discurso parlamentar do deputado Maurício Marcon, proferido na Câmara dos Deputados do Brasil e disponível no site oficial da instituição. Proferido em 13 de setembro de 2023, o pronunciamento tem duração de oito minutos e surgiu em resposta à aprovação do texto da ADPF, que provocou grande agitação na esfera política.

Diante das várias possibilidades de análise do *corpus* selecionado, e considerando o breve recorte que apresentamos a seguir, temos:

5. Esses dados são minuciosamente analisados no capítulo «Deus e o diabo na terra do parlamento: atuação interdiscursiva do Oponente em uma polêmica sobre o aborto» (Rubens Damasceno-Morais e Luiz Otávio Arrais Carneiro), a sair. Aqui, e como exemplificação da noção de «âncora», trazemos o Excerto 1, para ilustrar, rapidamente, como a *mise-en-scene* do sentimento indignação (via adjetivação) pode tornar-se uma ferramenta retórica. Os dados dessa análise foram coletados pelo discente Luiz Otávio Arrais Carneiro.

Excerto 1. *Discurso parlamentar do deputado Maurício Marcon*

1 Toda vez que subo a esta tribuna, eu rezo para que o Espírito Santo ilumine minhas
2 palavras e, da minha voz, possa sair a vontade que em Deus habita. Talvez seja querer
3 demais que Deus use minha voz para falar aos brasileiros, mas hoje eu reforcei a oração.
4 Eu acho que chegou a hora das pessoas de bem deste País.
5 Chegou a hora de nos ajoelharmos e pedirmos uma providência divina.
6 Ontem, uma Ministra do Supremo Tribunal Federal — eleita por zero voto — queria
7 pautar que um ser indefeso de 12 semanas possa ser assassinado no ventre da mãe. Trata-se
8 de um ser, Sr. Presidente, alguém que tem pernas, braços, cérebro e alma! [...].
9 Este Congresso foi eleito pelo povo brasileiro e este Congresso, Sr. Presidente, já legislou
10 dizendo que o aborto é proibido nesta Nação — proibido! Não é até 12 semanas, até 15
11 semanas, até 1 mês! O aborto é proibido! O Supremo Tribunal Federal, caro colega Zucco,
12 não tem prerrogativas para dizer se um ser humano pode ou não ser assassinado no ventre
13 da mãe.
14 Aqui fica meu alerta aos cristãos de fachada que ajudaram a eleger... Afinal, sabem quem
15 indicou Rosa Weber para o Supremo? Dilma Rousseff, uma petista! Lula falou durante a
16 campanha: «Eu sou a favor do aborto». Palavras de Lula! Muitos cristãos, que são a
17 maioria neste País — somos quase 90% —, acreditaram no falso profeta que aí está.
18 Agora, as beiras das farmácias e dos mercadinhos das nossas cidades viraram um açougue
19 de bebês indefesos [...].
20 Cristãos que votam em partidos de esquerda, que defendem o assassinato de bebês, não
21 são cristãos. O mármore do inferno está quente esperando por vocês. Digam-me qual é a
22 lógica de tirar a vida de um inocente. Nenhuma! Eu me compadeço dos inocentes que
23 perecerão por causa de tamanho absurdo e da tamanha maldade que habita neste mundo
24 [...]

Fonte: Discurso parlamentar proferido em 13 de setembro de 2023, na Câmara dos Deputados do Brasil.
Disponível no site da instituição.

Para Neves (2000: 173), os adjetivos servem para conferir a uma categoria — já definida por um conjunto de características — uma qualidade única, refletindo, assim, a perspectiva subjetiva de quem fala. Na perspectiva retórica, essa atribuição pode desempenhar um papel persuasivo, reforçando valores e até estimulando a ação do interlocutor. Além de sua forma simples, esse efeito de singularização também pode ser obtido por meio de construções mais complexas, como adjetivos perifrásticos ou locuções adjetivas, segundo a autora.

No Excerto 1, destacamos elementos que ajudam a balizar e delinear o percurso do ponto de vista defendido pelo deputado em questão. Lembramos aqui que não usamos «baliza» exatamente como propõe Plantin (2025: 123), pois não olhamos para os vocábulos adjetivos necessariamente como «elementos unívocos e unifuncionais», pois não pretendemos indicar o «início de uma sequência» ou «fronteiras», «identificação de argumentos» ou determinação de «tipos de argumento» (2025: 376). Não obstante, os adjetivos ali atuam como elementos linguísticos que ajudam a ancorar textualmente uma orientação. Vejamos o quadro que extraímos do Excerto 1:

Tabela 1. *Adjetivos e ancoragem*

Ancoragem retórica e argumentativa	
Valor positivo (orientado)	Valor negativo (antiorientado)
« <i>que em Deus habita</i> » (l.2), « <i>peessoas de bem</i> » (l.4), « <i>providência divina</i> » (l.5), «um ser indefeso de 12 semanas» (l.7), « <i>alguém que tem pernas, braços, cérebro e alma!</i> » (l.8), « <i>é proibido</i> » (l.10), « <i>proibido!</i> » (l.10), « <i>é proibido!</i> » (l.11), «Muitos cristãos, <i>que são a maioria neste País</i> » (l.16-17), « <i>nossas cidades viraram um açougue de bebês indefesos</i> » (l.18-19), « <i>inocentes que perecerão</i> » (l.22-23)	« <i>eleita por zero voto</i> » (l.6), « <i>cristãos de fachada</i> » (l.14), « <i>uma petista!</i> » (l.15), «“Eu sou a favor do aborto”» (l.16), « <i>falso profeta</i> » (l.17), « <i>que votam em partidos de esquerda</i> » (l.20), « <i>que defendem o assassinato de bebês</i> » (l.20), « <i>não são cristãos</i> » (l.20-21), « <i>mármore do inferno</i> » (l.21), «[o mármore] <i>está quente</i> » (l.21)

Fonte: elaboração própria

Cada um dos elementos da Tabela 1 ancora a orientação do texto, na iminência de alimentar o ponto de vista defendido pelo candidato, o qual se coloca como avesso à descriminalização do aborto no Brasil. Embora não achemos necessário indicar o sentido de cada um dos termos em itálico na Tabela 1, ali separamos os termos que orientam o discurso na defesa da imagem de superprotetor de bebês que o deputado pretende transmitir.

Desse modo, a primeira coluna (Valor positivo: orientado) representa os adjetivos que trazem um reforço ao ponto de vista defendido pelo deputado, uma vez que todos os vocábulos com valor adjetivo ali apresentados referem-se a episódios, pessoas e fatos que, de alguma forma, discordam vorazmente da legalização do aborto no Brasil, em qualquer estágio da gravidez. Daí situarmos esses elementos linguísticos no ancoradouro (retórico e argumentativo) do parlamentar, o qual orienta seu discurso para a seguinte conclusão: deve-se manter proibido o aborto no Brasil.

Tal tese vem revestida por pequenas peças da engrenagem retórica que o parlamentar mobiliza, por meio de palavras, locuções, orações (etc.) com valor adjetival não derrisório: «*que em Deus habita*», «*peessoas de bem*», «*providência divina*», «um ser indefeso», «*alguém que tem pernas, braços, cérebro e alma!*», «*é proibido*», «Muitos cristãos, *que são a maioria neste País*», «*um açougue de bebês indefesos*», «*inocentes que perecerão*», entre outros.

Ali, o deputado se autorrepresenta como um sujeito respeitável e de boa reputação porque preocupado com a salvação dos bebês em perigo. A partir do uso desses elementos linguísticos com valor adjetivo, o deputado sugere, interdiscursivamente, a presença de um assassino em potencial, isto é, todos que, de alguma forma, discordam da tese que ele defende. Desse modo, o deputado sugere que há pessoas dispostas a praticar o mal («*peessoas do mal*»), isto é, aquelas que defendem a legalização do aborto no Brasil e para as quais o inferno é o limite. Não por acaso, e como dissemos, o grupo do «mal» é o *outro* grupo, não o grupo do deputado.

Nesse sentido, temos a coluna 2 (Valor negativo: antiorientado), em que o deputado busca termos e expressões adjetivas que adquirem um sentido oposto ao da primeira coluna quando o deputado se refere a tudo e todos que, de algum modo, não concordem com o

ponto de vista dele, isto é, uma conclusão antiorientada do tipo: o aborto deve ser descriminalizado. Ali, destacamos os termos «eleita por zero voto», «cristãos de fachada», «uma pe-tista!», «a favor do aborto», «falso profeta» (1.17), «que votam em partidos de esquerda» (1.20), «que defendem o assassinato de bebês» (1.20), «não são cristãos» (1.20-21), «mármore do inferno» (1.21), «[o mármore] está quente» (1.21). Nessa segunda coluna temos expressões que ancoram a orientação segundo a qual quem ousa ser contra o ponto de vista do deputado merece o «mármore do inferno», como ele mesmo declara ao fim desse discurso.

Os adjetivos destacados sobretudo na segunda coluna mostram que o deputado se posiciona interdiscursivamente como um Oponente «indignado» em relação à proposição feita pela ministra Rosa Weber (Proponente), quando ela trata da descriminalização do aborto até a 12ª semana de gestação. Desse modo o deputado invoca o auxílio de uma força divina para socorrer as «pessoas de bem» diante da proposição da ministra Weber, que ele descreve como a tentativa de «pautar que um ser indefeso de 12 semanas possa ser assassinado no ventre da mãe» (1.7).

Ali o indignado deputado lança mão da instrumentalização, via emprego de adjetivos e locuções adjetivas, evocando a engrenagem da eterna luta do bem contra o mal, destilada ao longo de sua intervenção parlamentar. Desse modo, o deputado busca ancorar seu ponto de vista movimentando peças e pavimentando o caminho para um eventual xeque-mate no tabuleiro dos anti- e dos pró-aborto no Brasil, a partir do uso de termos e expressões com valor adjetivo, como tentamos mostrar.

4.2 Entrevista no podcast *Flow*

No contexto político da gestão de Jair Bolsonaro (2019-2022), no qual a polarização chegou a níveis extremíssimos, vimos surgir o indefectível *kit* patriota (camisa verde-amarela, bandeira e ataques em redes sociais), quando se abriu espaço para que diversos núcleos de vocação neonazista no Brasil vissem a luz do dia, em ambientes tanto físicos quanto digitais, em nome da liberdade de expressão. No início do ano de 2022, nessa esteira, o podcast *Flow* realizou uma transmissão⁶ em que o *podcaster e influencer* Bruno Aiub, conhecido como Monark, juntamente com a deputada Tábata Amaral e o deputado Kim Kataguiri, discutiam assuntos políticos, que acabavam trazendo à tona os velhos estereótipos que contrapõem ideologias de direita vs esquerda.⁷

Tal transmissão foi responsável pela perda de patrocinadores de Monark, bem como a indignação de muitos indivíduos que tiveram contato com ela, devido a sua fala em defesa da instituição de um partido nazista no Brasil, contrariando a Constituição Federal Brasileira, a qual, apesar de assegurar o direito à liberdade de expressão, também garante o direito à vida, além de considerar

6. O canal do *Flow* pode ser acessado através do seguinte endereço virtual: <https://www.youtube.com/channel/UC4ncvgh5hFr5O83MH7-jRJg> (consulta: 10/01/2026).

7. Os dados deste segundo recorte foram coletados por Samara Souza Viana, atualmente mestranda do PP-GLL/UFG, na ocasião da elaboração de pesquisa de Iniciação à Ciência, concluída em 2023. O texto inicial da referida pesquisa de IC foi, ainda, retrabalhado e adaptado para este artigo.

o racismo um crime inafiançável e imprescritível, entre outros fatores que tornaria não apenas inviável, mas desumano a instituição de um partido que tenha como base estrutural tal ideologia.

A fala do tal *influencer* viralizou na internet⁸ e foi fonte de um alvoroço virtual, que desencadeou para páginas diversas que repercutiram e polemizaram suas declarações de cunho abertamente nazistas. Cabe ressaltar aqui que essa não foi a primeira fala violenta e preconceituosa do *podcaster* que teve repercussão nas redes sociais, mas sim a gota d'água que lhe deu os famosos quinze minutos e que atraiu a atenção do grande auditório almejado por todo autodenominado influenciador, mesmo que de forma negativa. Seu nome passou a frequentar os *trending topics* das redes sociais.

O teor dos textos de Monark difunde seus ideais polêmicos sobre diversos temas, apresentando como justificativa o direito assegurado no Brasil à «liberdade de expressão», segundo apregoa. Nessa aplicação torta do *layout* de Toulmin, em que o *influencer* confunde lei de passagem com lei do Talião, vemos comentários em que ele afirma, por exemplo, que *crime é a ação e não a opinião*. De acordo com suas premissas, fácil é para ele concluir que uma injúria racial não deveria ser considerada crime, bem como homofóbicos têm o direito de ser intolerantes com a população LGBTQIA+, desde que não pratiquem nenhum ato de agressão, chegando a colocar no mesmo nível de comparação «não gostar de gay» com «não gostar de refrigerante», num claro e falacioso amálgama (Doury, 2003). Além disso, ao abordar o tema da pedofilia presente na internet em um de seus vídeos, questionou a um dos participantes: «Você não acha melhor um cara fantasiando com seus fetiches pedófilos na internet do que pondo em prática?».

Visto do ângulo dos estudos do discurso, da argumentação e da retórica, o referido podcast nos proporciona material não negligenciável para análises, a partir da interação entre os três atores, Monark (M), Tábata Amaral (T) e Kim Kataguirí (K). Não obstante, por uma questão de espaço, vamos apontar aqui o que enxergamos como *âncoras* na fala do *podcaster* e que repercute um tema sensível, representando o recorte de um momento histórico no qual discursos extremistas têm lacrado em bolhas assumidamente de extrema direita.

Chamou-nos ainda atenção para a escolha deste podcast a forte presença de *situações estéticas* (Damasceno-Morais, 2023) nas interações entre os comentadores do vídeo, mas que não mostraremos integralmente porque fizemos apenas um pequeno recorte para este artigo. Ali, claro está, a divergência de pontos de vista e de valores, que vieram à tona a partir das falas da deputada Tábata Amaral, a qual defende a ideia de que partidos de extrema direita são um risco para a sociedade, pois, segundo ela, contribuem para a formação de ditaduras; de outro lado, o posicionamento de Monark, o qual defende que até mesmo partidos nazistas deveriam ser aceitos, tendo em vista a liberdade de expressão, como já ressaltamos.

O breve excerto que separamos emerge do seguinte contexto: posicionados em uma mesa retangular, estão a deputada Tábata Amaral ao lado de Kim Kataguirí; do lado oposto, Monark ao lado de Igor, apresentador do podcast. Em sua única participação na interação ora retratada, Igor

8. Esse trecho está presente no vídeo do podcast que foi excluído do canal original, mas foi republicado por Tamir Felipe e pode ser acessado através do seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=WaFbYWLHCXE&t=175s> (consulta: 10/01/2026).

lê a seguinte pergunta, que foi publicada no *chat* do podcast e direcionada a Kim Kataguiiri: «*Para o Kim, regimes marxistas do século xx foram responsáveis pelos maiores crimes de genocídios e crimes contra a humanidade de toda a história. Qual é a dificuldade dos liberais democratas em expor a essência de hipocrisia, terror e manipulação da esquerda?*». Tal questionamento levou K a iniciar uma conversa sobre partidos de esquerda e de direita, no qual afirmou que os partidos de direita são vistos como vilões que têm como objetivo favorecer os ricos, e a esquerda é colocada como a salvadora dos pobres.

No fio dessa interação, M intervém e menciona que a direita é tão forte quanto a esquerda, trazendo como justificativa uma passeata em prol de um regime nazista nos Estados Unidos, segundo *uma* notícia que ele lera em *algum* site. Em resposta, a breve transcrição que selecionamos, a seguir, mostra T afirmando que há partidos de orientação de extrema direita no Brasil, ao que é interpelada de forma insistente pelos debatedores (K e M). Vejamos:

Excerto 1. *Conversa entre Tábata Amaral, Monark e Kim Kataguiiri* ⁹

- | | | |
|----|-------|--|
| 1 | T:... | [tem partido nazista no brasil' é só que talvez/ ((proponente)) |
| 2 | M: | talvez mais' ((irrelevante, diz respeito a frase anterior dita por ele)) |
| 3 | K: | existe partido nazista no brasil tábata^ ((oponente 1)) |
| 4 | T: | existe' ((proponente)) |
| 5 | K: | mas formalizado^ ((oponente 1)) |
| 6 | T: | existe' ((proponente)) |
| 7 | K: | qual partido nazista^ ((oponente 1)) |
| 8 | M: | [[formalizado^ ((oponente 2)) |
| 9 | T: | não' assim' eles se organizam/ ((proponente)) |
| 10 | | [Não não (incompreensível)] ((oponente 2)) |
| 11 | | [tá' mas qual que é ' qual que é o partido constituído nazista no |
| 12 | | brasil^ ((oponente 1)) |
| 13 | M: | não' formalizado não deve existir' ((oponente 2)) |
| 14 | T: | que existe um partido nazista organizado que não está na lei porque claramente não é |
| 15 | | permitido' isso é uma coisa que preocupa a comunidade judaica brasileira' ((proponente)) |
| 16 | K: | [exatamente] |
| 17 | T: | porque isso espalha o antissemitismo ((proponente)) |
| 18 | K: | em contrapartida você tem o partido comunista formalizado permitido pela lei com |
| 19 | | representante no congresso' ((fala rápida)) ((oponente 1)) |

Fonte: Coleta e transcrição dos dados por Samara Souza Viana

9. ... : indica que se trata de um trecho retirado de um diálogo.

[: indica sobreposição de falas que ocorrem de modo simultâneo após o início.

' : indica pausa breve, como uma vírgula, um ponto e vírgula ou um ponto final.

': indica entonação de pergunta.

/ : indica que a fala foi cortada.

((...)) : indica comentários do analista.

[...] : indica falas que foram realizadas simultaneamente, começando e terminando aproximadamente no mesmo intervalo de tempo.

^ : indica tom de dúvida relacionada a incredulidade.

Na perspectiva do MDA, o papel argumentativo ou papel actancial de Terceiro é exercido pelos interactantes que não atuam nem como Proponentes, nem como Oponentes, mas como um árbitro terceiro ou alguém que busca compreender ou mesmo mediar um conflito, além de diversas outras funções retóricas. Nesta breve interação, os questionamentos abruptos e incisivos (1, 3, 5, 7, 8, 11, 12) feitos à interactante T, embora pareçam, não caracterizam uma atuação de Terceiro, mas uma clara manifestação de desacordo, sem, contudo, serem contra-argumentos, visto funcionarem basicamente como reações ríspidas de desacordo, sem qualquer tipo de desenvolvimento, no nível do díptico argumentativo.

Vemos, no Excerto 2, que os interactantes M e K, pela rispidez com que avançam questões à interactante T, utilizam-se de seu turno de fala para colocar sua oponente contra a parede, visto que as questões lançadas soam como modos de intimidação, dada a velocidade com que são apresentadas, sem mesmo dar tempo de reação à interactante T, forçando-a a responder de maneira abrupta e mal ajambrada.

Devido ao tom de voz empregado, o qual esbanja incredulidade, o debatedor K tenta colocar em xeque a capacidade de sustentação de um argumento por parte de T (1, 3, 5, 7, 11, 12), sobretudo porque K sabe, como deputado federal, que não existe formalmente nenhum partido nazista no Brasil. A saraivada de perguntas lançada contra a debatedora T (seis, no total, em poucos segundos) atuam ali como âncoras, pois ajudam a reforçar o ponto de vista defendido por K e M. E, como âncoras ainda, reforçam e ajudam a delinear os pontos de vista de K e M, sem que se empreguem argumentos no formato clássico, como já ressaltamos.

5. CONCLUSÃO: DIFERENTES PONTOS DE VISTA APRESENTAM ANCORAGENS DIVERSAS

Este artigo pretendeu chamar a atenção para a ancoragem argumentativa e/ou retórica (etc.) que pode contribuir para constituir o xadrez da polêmica pública, muito embora tenhamos trazido apenas dois breves excertos, na iminência de ilustrar o que estamos chamando de «âncoras» ou «ancoragem». Os elementos que exercem papéis de âncoras contribuem no delineamento e reforço de um ponto de vista, com um efeito não negligenciável em debates públicos, polêmicos, a partir do emprego de elementos muitas vezes indiscerníveis, quase invisíveis (as âncoras), mas que, *grosso modo*, cabem no *reservoir* dos «elementos semióticos» sobre os quais fala Plantin.

Este exercício de análise nos permite perceber que, para além do uso de argumentos, os adjetivos e locuções adjetivas empregadas no Excerto 1 contribuem para o delineamento da orientação argumentativa na construção de um ponto de vista, na polêmica da legalização do aborto. Muito embora o sentimento de indignação, tal como forjado no discurso de Marcon, não passe de um desfile de clichês e de cacoetes religiosos («mármore do inferno», «cristãos de verdade», «cristãos de fachada», «demônio que usa barba» etc.), atuam como âncoras e balizadores discursivos na engrenagem retórica do discurso analisado, contribuindo para azeitar a orientação do papel argumentativo de Oponente, incontestavelmente exercido por Marcon.

Do mesmo modo, no Excerto 2, a sequência de interrogações virulentas e em série mostra-se produtiva para também ilustrar uma forma bastante distinta do que temos enxergado

como ancoragem, na fala do deputado Kim e do influencer Monark, pois buscam, naquele momento do debate, desestabilizar a debatedora (T), com ponto de vista antagônico aos de M e K. Em suma, a saraivada de perguntas apresentada no Excerto 2 equivale ao emprego de adjetivos ilustrado no Excerto 1, no que se refere ao uso de *âncoras* como tonificantes de um ponto de vista.

Como analistas, é importante tentarmos fazer emergir o «ouro» garimpado da ganga bruta interacional que muitas vezes esconde preciosidades nas interações sobre as quais nos debruçamos. Tal labor analítico pode contribuir para desvelar o espectro argumentativo e retórico de um texto ou discurso, mesmo que, muitas vezes, seja-nos impossível identificar argumentos esquematizáveis na configuração clássica de premissa(s) + conclusão.

UTILIZAÇÃO DE FERRAMENTAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA)

Não foram utilizadas ferramentas de inteligência artificial (IA) na elaboração deste artigo.



REFERÊNCIAS

- Amossy, Ruth (2017): *Apologia da polêmica*. Coordenação da tradução de Mônica Magalhães Cavalcante. Tradução de Rosalice Botelho Wakim Souza Pinto *et al.* São Paulo: Contexto.
- Amossy, Ruth (2018): *A argumentação no discurso*. Coordenação da tradução de Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira. Tradução de Angela M. S. Corrêa *et al.* São Paulo: Contexto.
- Angenot, Marc (2008): *Dialogues de sourds. Traité de rhétorique antilogique*. Paris: Mille et Une Nuits.
- Angenot, Marc (2015): *O discurso social e as retóricas da incompreensão: consensos e conflitos na arte de (não) persuadir*. Organização de Carlos Piovezani. São Carlos: EdUFSCar.
- Anscombre, Jean-Claude; Oswald Ducrot (1983): *L'argumentation dans la langue*. Bruxelles: Pierre Mardaga.
- Damasceno-Morais, Rubens (2022): «Quem é esse tal de Terceiro, afinal?». *Revista de Letras*, 1(41): 8-25. <https://doi.org/10.36517/revletras.41.1.1>
- Damasceno-Morais, Rubens (2023): «O modelo dialogal da argumentação e as emoções». *Rétor. Asociación Argentina de Retórica*, 13(2): 25-42. <https://doi.org/10.61146/retor.v13.n2.197>
- Damasceno-Morais, Rubens; Rodrigo Seixas (2025): «A tópica espelhada», em Rubens Damasceno-Morais; Rodrigo Seixas [orgs.]: *Argumentação, discurso e polêmica em ambientes digitais*. Prefácio de Marie-Anne Paveau. Posfácio de José Luiz Fiorin. São Paulo: Pontes Editores, pp. 73-108.
- Doury, Marianne (2003): «L'évaluation des arguments dans les discours ordinaires. Le cas de l'accusation d'amalgame». *Langage et société*, 105(3): 9-37. <https://doi.org/10.3917/ls.105.0009>
- Emediato, Wander; Rubens Damasceno-Morais (2022): «Perspectiva dialogal e análise dialógica: a argumentação biface», em Isabel Cristina Michelan de Azevedo; Rubens Damasceno-Morais [orgs.]: *Introdução à análise da argumentação*. Prefácio de Rui Alexandre Grácio. Campinas: Pontes Editores, pp. 193-222.
- Moscovici, Serge (1961): *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Tradução integral de Sonia Maria da Silva Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2012.
- Neves, Maria Helena de Moura (2000): *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, 2ª ed. atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.
- Paveau, Marie-Anne (2017): *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. Organização da tradução de Júlia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. Campinas: Pontes Editores, 2021.

- Perelman, Chaïm (1989): *Rhétoriques*. Préface de Michel Meyer. Bruxelles: Éditions de l'Université de Bruxelles.
- Plantin, Christian (2005): *A argumentação. História, teorias, perspectivas*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- Plantin, Christian (2025): *Dicionário de argumentação: uma introdução aos estudos da argumentação*. Coordenação da tradução de Rubens Damasceno-Morais e Eduardo Lopes Piris. São Paulo: Contexto.
- Santaella, Lúcia [org.] (2024): *Simbioses do humano & tecnologias: impasses, dilemas e desafios*. São Paulo: Edusp – IEA-USP.
- Walton, Douglas N. (1989): *Lógica informal: manual de argumentação crítica*. Tradução de Ana Lúcia R. Franco e Carlos A. L. Salum. Revisão da tradução de Fernando Santos. São Paulo: Martins Fontes, 2012, 2ª ed.